



II SIMPÓSIO PROCESSOS CIVILIZADORES NA PANAMAZÔNIA

Figuração, interculturalidade e
relação de poder

9 a 11 de junho de 2021
Manaus-AM-Brasil

ISBN: 978-65-89908-54-8

CONTRIBUIÇÕES DA HISTÓRIA ORAL NA AMAZÔNIA: VOZES DE PROFESSORES EM HISTÓRIAS DE VIDA E NARRATIVAS NA EDUCAÇÃO BÁSICA MANAUARA

II Simpósio Processos Civilizadores na PanAmazônia, 2ª edição, de 09/06/2021 a 11/06/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-54-8

FILHO; JOÃO DA COSTA CAVALCANTE¹

RESUMO

Contribuições da História Oral na Amazônia: Vozes de professores em histórias de vida e narrativas na educação básica manauara[1]

João Cavalcante Filho[2]

Resumo

Este artigo trata de um ensaio teórico que trata sobre as potencialidades investigativas e formativas proporcionadas pela História Oral, com foco na formação de professores promovida pelas histórias de vida e narrativas no ensino básico de Manaus-Amazonas. Como consequência de nossa experiência no ensino básico, assumimos os embasamentos teórico-metodológicos que as histórias de vida, de modo que suas narrativas de ofício cotidiano no ensino básico na Amazônia, de modo especial, na rede estadual de ensino na cidade de Manaus-Amazonas (SEDUC-AM). Assim, buscamos compreender as bases da História Oral, Histórias de Vida e Narrativas de professores no atendimento do alunado no contexto manauara. Dessa forma, percebe-se que as histórias de vida e narrativas tomam como base epistemológica as vidas de professores/as nos contextos da vida e profissão no “chão da escola”, com olhares para os/as professores/as que ensinam para aprender, e aprendem para ensinar na Amazônia.

Palavras-chave: História Oral. Histórias de vida. Formação de professores manauaras.

Abstract:

This article deals with a theoretical essay that deals with the investigative and formative potential provided by Oral History, with a focus on teacher training promoted by life stories and narratives in basic education in Manaus-Amazonas. As a consequence of our experience in basic education, we assume the theoretical-methodological foundations that life stories have, so that their narratives of daily work in basic education in the Amazon, in a special way, in the state education network in the

¹ SEDUC-AM, joao_c_filho@hotmail.com

city of Manaus-Amazonas (SEDUC-AM). Thus, we seek to understand the bases of Oral History, Life Stories and Narratives of teachers in attending students in the context of Manaus. Thus, it is clear that the life stories and narratives take the lives of teachers in the contexts of life and profession on the “school floor” as an epistemological basis, with a look at the teachers who teach to learn, and learn to teach in the Amazon.

Keywords: Oral History. Life stories. Training of teachers from Manaus.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem a intenção de discutir, de forma teórica, as potencialidades investigativas e formativas da História Oral de Vida de professores da educação básica na região amazônica, em especial, na cidade de Manaus-Amazonas.

Ser professor/a, no contexto amazônico, é enfrentar desafios diversos na prática pedagógica cotidiana, de forma que, com a História Oral de Vida busca-se interpretar os itinerários de vida e profissão para construção de práticas que referendam as vozes, pois como nos diz Kramer (1994, p. 105), “as vozes de todas as gerações, de hoje, com as de ontem precisam ser ouvidas” (apud GUEDES; SOUSA, 2000, p. 101).

Assim, os/as professores/as da educação básica manauara desenvolvem seu trabalho profissional que, através do trabalho pedagógico, buscam a essência do ser na sua maneira de ensinar, de acordo com os contextos de (con)vivências com os seus colegas de profissão, a gestão escolar (diretores e coordenadores pedagógicos[3], os alunos, os pais e/ou responsáveis, a comunidade do entorno em geral.

A História Oral de Vida é uma metodologia de pesquisa que conquista seus participantes. Talvez pela forma como se atenta à vida docente, deixando que ele revele suas narrativas, vivências por vezes de caráter autoritário, que fez/faz com que os docentes convivessem com o silêncio do confinamento da sala de aula, de seus afazeres cotidianos, obedecendo a ordens vindas de lugares autocráticos e pouco colaborativos com as necessidades dos docentes na escola (NÓVOA, 2003).

Neste artigo fica esclarecido que a extrema necessidade de valorização dos/das professores/as, na plenitude da inteireza do “ser pessoa e profissional” – com toda carga do sentido ontológico do ser humano –, pois acreditamos que a profissão docente não deva nunca se separar entre o trabalho do/a professor/a, e as relações deste/a com sua vida pessoal, sendo visto como profissional e pessoa que forma outros profissionais e pessoas.

UM OLHAR SOBRE A HISTÓRIA ORAL

A História Oral surge com o aparecimento de estudos sobre a memória de forma estudos interdisciplinar na ciência. De modo inicial, com os estudos da Psicologia sobre a constituição da memória sob a premissa da preservação de lembranças marcantes na história de cada ser humano, pois “[...] graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está (POULET, 1992, p. 54, apud ORRÚ, 2021, p. 12).

A memória funciona como uma atalaia do tempo que aconselha sobre o ritmo de recordações de fatos, acontecimentos e movimentos, bem como de velar e zelar pela liberdade humana, que a todo tempo é passível de nos ser seqüestrada, ao ser condenada ao esquecimento, de forma que “[do] latim, *recordare* significa, fazer passar novamente pelo coração, este órgão que no passado dizia-se ser a sede da memória” (ORRÚ, 2021, p. 12).

Como passar dos anos, os estudos científicos assumiram o interesse pelos efeitos de perturbações psíquicas que poderiam comprometer a ação de mecanismos memorialísticos, ou seja, a amnésia total ou parcial em pacientes com estudos de caso desenvolvidos pela medicina psiquiátrica (CANO, 2012).

Segundo Cano (2012), a memória se tornou interesse da sociedade, de questões políticas e de estímulos provocados em geral por objetos, textos e imagens, como ferramenta de estudos interdisciplinares, como a História, a Sociologia, a Antropologia, a Educação e a Geografia. A memória se tornou fonte primordial da Ciência moderna, contribuindo para formação de pesquisadores tenazes de ressignificar o passado.

A idéia de “memória social” ganhou especial destaque, sobretudo, dentro das Ciências Humanas, com o trabalho do sociólogo francês Maurice Halbwachs. Para esse estudiosos, que desenvolveu a temática ainda nos 1920, interessava que novos conceito se contrapusessem com as interpretações psicologizantes sobre a memória presentes à época para que, assim, a memória retirasse todo “peso dos processos psíquicos para compreensão da memória e traz os processo e construções sociais como alicerces para formação e perpetuação da memória (CORDEIRO, 2014, p. 25).

Agostini (2020) dialoga com Walter Benjamin, pois, para este pensador, a memória se encontrava em plano superior da cultura, e se torna papel de guia em toda produção de símbolos e materiais culturais que constituem a vida humana, de modo que a reflexão, o afeto e o desejo são bens produzidos pela humanidade de sua época.

Para Benjamin, segundo Agostini (2020), a memória, mesmo inconsciente, torna-se lugar de produção imagética da história, como meio de homens e mulheres se apropriarem do passado, a fim de que este se seja cognoscível no presente, colaborando com a construção de novos arquétipos de homens e mulheres na sociedade.

A história oral desenvolveu-se com as pesquisas que utiliza a memória, que possa observar as minúcias do tempo histórico, nem sempre essas são perceptíveis para outras fontes de pesquisa baseadas em textos e imagens desenvolvidas pelos pesquisadores como desafio metodológico, pois segundo Alberti (2019), a história oral:

[...] é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea surgida em meados do século XX, após a invenção do gravador. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram, ou testemunharam acontecimentos ou conjunturas do passado e do presente.

A história oral colabora como ferramenta de trabalho para que o conhecimento se torne dinâmico, profundo e promissor quando serve para compreender as relações da história dos sujeitos e da coletividade, permitindo, por exemplo, reflexões sobre o tempo histórico e a relação entre a micro e macro-histórias (CANO, 2021, p. 78).

Por sua vez, as histórias de vida têm sua origem no contexto de desenvolvimento da sociologia norte-americana, a partir do início do século XX, quando foram produzidas as primeiras formas de escrita autobiográfica. Os primeiros sujeitos entrevistados foram os nativos norte-americanos (BARRET, 1906; RADIN, 1920, apud GOODSON, 2020).

Portanto, desde essa época que os sociólogos e demais estudiosos da área de ciências humanas passaram a adotar, cada vez mais, a abordagem da história oral de vida, mesmo diante das críticas que fizeram com ela se arrefecesse como estratégia epistemológica e metodológica na pesquisa qualitativa.

HISTÓRIA DE VIDA NA FORMAÇÃO DOCENTE

A história de vida, como as abordagens biográficas e narrativas, agora são amplamente consideradas como instrumental de pesquisa, e assim relacioná-las aos percursos, percalços e trajetórias de indivíduos/grupos sociais, renovando-se para mudar de simples relatos opinativos para se tornarem fontes dinâmicas, representantes do tempo e espaço como construções sociais, com foco na compreensão da história de vida (GOODSON, 2020).

Assim, os documentos biográficos (memórias, biografias, histórias de vida etc.) não poderão

representar a individualidade separada do contexto social, quando os indivíduos participam de ações na sociedade, de modo que essa tem relação direta com as ações dos indivíduos, conforme que a interação dos sujeitos é simplesmente “uma síntese complexa de elementos sociais” (FERRAROTI, 1983, p. 65, apud PAIS, 2003).

Pais (2003), ainda avigora a esse respeito que:

[...] Se cada biografia aparece como síntese de uma história social e, paralelamente, cada comportamento ou ato individual aparece como síntese de uma estrutura social, há sempre um movimento de vaivém, da biografia ao sistema social e deste à biografia. Ou seja, o sistema social – na medida em que não existe fora dos indivíduos – manifesta-se sempre na vida individual, de tal forma que pode ser apreendido a partir da especificidade das práticas individuais (PAIS, 2003, p. 151).

Em sua tese da individualização, Bernard Lahire (2004) argumenta que os indivíduos são portadores de um conjunto diverso de disposições e de competências diferencialmente ativadas em diversos contextos de ação. Por isso, em lugar de observar os estilos coerentes que marcam a existência de classes sociais, seria importante valorar as diferenças que os indivíduos apresentam como produtos de escolhas distintas na vida social (MIRA; BERTONCELO, 2019).

Assim, Lahire (2004) lança mão da análise sociológica em “escala individual” para assim compreender as experiências de vida que inserem os indivíduos nas múltiplas relações sociais, e que colaboram para formar as disposições nos/dos sujeitos em torno de temas relevantes para construção da identidade pessoal, social e profissional.

As variadas relações de interdependência que consolidam os vínculos – pessoais, sociais e profissionais – gerados nos contextos microssociológicos, ofertam aos indivíduos diversas opções que, quando assumidas com o passar do tempo sociohistórico, colaboram para construção dos sujeitos com tendências plurais, de modo que Os percursos na passagem pelos eixos de relações com familiares, na inserção no mundo do trabalho, as experiências que marcaram a vida escolar, as interações de da participação eclesial etc.

ENSINO BÁSICO: LUGAR DE FORMAÇÃO DOCENTE

O ensino básico é campo estratégico de metodologias que colaboram para entender os processos de formação de professores para atuação no ensino básico. Desse modo, compreende-se que a formação continuada de professores não será a responsável exclusiva de transformar a realidade da escola, “mas poderá ser um elemento de grande contribuição para realizar essas transformações” (CHRISTOV, 2012)

A educação no Brasil está organizada sob a Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9.394/96), que definiu a Educação Básica formada por Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. A Lei ainda assegurou o desenvolvimento integral do educando, através da formação comum indispensável para o exercício da cidadania, com acesso aos meios materiais e socioculturais, para progressão social no trabalho e em estudos posteriores (OLIVEIRA, 2008).

Destarte, a educação no estado do Amazonas se insere no contexto do processo civilizador produzido pela escola para exercício da plena cidadania. Sendo assim, a educação assume-se como prática de inclusão social, por isso, que corrobora com o crescimento econômico integrado ao desenvolvimento sustentável, acrescendo máximo acesso aos bens socioculturais diante da diversidade de povos na região amazônica (MORAIS, 2007).

Nesses termos, a formação continuada faz parte da realidade da escola básica visando melhorias dos resultados de sucesso escolar, do desenvolvimento profissional e da valorização dos professores através de processo dinâmico, democrático e direito dos professores no desenvolvimento de suas responsabilidades no campo do ensino.

Para isto, os pedagogos têm papel relevante como tendo a formação de professores no espaço da escola como parte de suas co-responsabilidades nos diversos processos que envolvem a Educação

Continuada, sendo que esta designa os processos de formação de professores no exercício do magistério na educação brasileira (CHRISTOV, 1998).

Christov (1998) ainda salienta o sentido da expressão “Educação Continuada”, pois esta expressão traz embutida a crítica aos modelos formativos que, em passado recente, utilizavam títulos diversos para nominar diversos programas, planos e projetos de formação de professores, como: “treinamento”, “capacitação”, “reciclagem” como os mais frequentes.

[...] a formação continuada não deve ser confundida com ações pontuais ou extensivas de formação, cujos efeitos são bastante limitados e discutíveis. Mesmo quando são planejados visando divulgar novas ideias ou sensibilizar os professores para aspectos importantes de seu trabalho (através de minicursos ou oficinas, por exemplo), esses eventos não carregam as características da formação continuada (FREITAS, 2007, p. 25).

Nesse período, os cursos de formação foram incapazes de atender as necessidades dos professores, com cursos de conteúdos teóricos com pouco tempo de formação, ou ainda baseados em experiências pedagógicas com pouca reflexão teórica, que provocaram afastamento dos docentes que, então, passaram a se interessar pelas práticas cotidianas do ensino, como planejar, avaliar e ministrar aulas no ensino básico (FREITAS, 2007).

Segundo Romanowski (2007), o objeto da educação continuada é a melhoria do ensino, não apenas pelo aspecto profissional, de modo que os programas de formação continuada precisam ser organizados a partir de saberes diversos: científicos, críticos, didáticos, relacionais, saber-fazer pedagógico e de gestão, [...] de forma que a formação continuada enfatize as práticas dos professores como eixo condutor da formação pessoal e profissional.

Diante disso, como não lembrar do alerta de Tardif (2002), quando chama a atenção para o fato de que:

[...] o saber dos professores é o saber deles e está relacionado com a pessoa e a identidade deles, com sua experiência de vida e com sua história profissional, com suas relações com os alunos em sala de aula e com outros atores escolares na escola [...]. Por isso é necessário estudá-lo relacionando-o com esses elementos constitutivos do trabalho docente (TARDIF, 2002, p. 11).

Nesse sentido, Larrosa (2002) considera o conceito de experiência como compreensão daquilo que deixa marcas, lembranças significativas e profundas no sujeito que a vivencia porque produz algum tipo de transformação tanto em sua vida como também em suas compreensões e ações, pois “somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação” (apud RODRIGUES JÚNIOR, 2016, p. 37).

Souza (2006), corrobora com essa visão quando entende que a narrativa e das experiências vividas ao longo da vida caracterizam-se como processos de formação e de saberes, porque são ancorados em experiências de vida acumuladas nos percursos da experiência e de transformações na identidade vivida por quem vivencia processos de formação e desenvolvimento pessoal e/ou profissional.

[...] a aprendizagem da experiência como dimensão do trabalho com a abordagem experiencial ou biográfica, permite-nos acessar as narrativas (auto) biográficas da história de vida, por entender que a fecundidade de tal opção possibilita apreender de um outro lugar as aprendizagens que foram construídas ao longo da vida e potencializá-las no percurso de formação (SOUZA, 2006, p. 136).

Dessa forma, os docentes construirão, através do processo de formação continuada, novos modos de operar sobre o conhecimento de “si”, bem como apreender as dimensões para se tornar

responsável pela formação na escola, da profissão e do trabalho pedagógico, ao realizar o exercício da recursividade e da criação de memórias através das histórias de vida de pedagogos no ensino básico (RIBEIRO; SOUZA, 2010).

Segundo Bozzeto (2000), as singularidades produzidas pelos professores são amparadas pelo modo de agir, reagir e interagir de cada pessoa. Assim, um percurso de vida poderá ser sinônimo de um percurso de formação contínua, movimentando-se em direção às essências da vida da pessoa, sendo que o percurso realizado pela pessoa constitui um processo de formação que complexo desenrolar.

Assim a abordagem biográfica permite que os professores possam falar sobre suas experiências formativas, seus percursos diversos, como as influências do meio familiar, da escola básica, do período de formação universitária, do trabalho desenvolvido enquanto professor-profissional, de fatos do passado que colaboram para que compreendam quem são e o que fazem cotidianamente na escola de ensino básico (RODRIGUES JÚNIOR, 2016).

Nesse sentido, a abordagem biográfica constitui-se em metodologia para pesquisar a história de vida com objetivo de identificar, analisar e compreender as interações entre o processo de formação de professores e o processo global de formação da pessoa do professor, estabelecendo um diálogo entre o individual e o sociocultural, de modo que se compreende os significados que estão presentes no indivíduo na relação com a sociedade (BOZZETO, 2000).

Souza (2006) afirma que as histórias de vida adotam e comportam uma variedade de fontes e procedimentos para coleta de dados, que podem ser agrupadas de dois modos, ou seja, como documentos pessoais, como autobiografias, diários, fotografias, cartas e objetos pessoais, ou ainda na forma de entrevistas biográficas orais ou escritas, de modo que:

[...] as biografias são bastante utilizadas em pesquisas na área educacional como fontes históricas, devendo cada texto escrito ser utilizado como objeto a ser considerado, sobretudo, o contexto de sua produção, sua forma textual e o seu conteúdo em relação ao projeto de pesquisa a que esteja vinculado (SOUZA, 2006, p. 137).

As histórias de vida admitem captar como uma pessoa, permanecendo ela própria, passa por transformações que mobilizam “seus conhecimentos, valores e energia, dando forma à sua identidade através do diálogo com seus contextos: identificar as continuidades, as rupturas, as coincidências no tempo e no espaço, as ‘transferências’ de preocupações e interesses nos vários espaços do cotidiano” (BOZZETTO, 2000).

A GUIA DE (NÃO) ARREMATAR...

A realização desta pesquisa visou à compreensão sobre os processos de formação dos professores da educação de jovens e adultos (EJA), à luz das contribuições da História Oral de Vida, com destaque para os desafios de “ser” professor/ na região amazônica.

As histórias de vida de professores/as O primeiro deles, o sentido pedagógico nas interações do trabalho na modalidade em relação à vida pessoal e profissional dos professores que revelaram, na forma narrativa, o retrato sociológico de uma instituição de ensino: o Centro de Educação de Jovens e Adultos Prof.^ª Jacira Caboclo – Anexo do Colégio Brasileiro.

Enfim, falar de docência é fazer referência ao “ser professor”. Somos pessoas entrelaçadas nos contextos sociais, pois como afirmou Nias (apud Nóvoa, 1992), “o professor é uma pessoa e parte importante da pessoa é o professor”, faz-nos renovar nossos projetos, crenças e valores que impede de morrer nossa esperança de voltar nosso olhar para renovação de “si” no trabalho como professores na escola (CAVALCANTE; COSTA, 2002)

REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Nilo. **Os desafios da educação a partir de Paulo Freire & Walter Benjamin**. Petrópolis: Vozes, 2019.
- ALBERTI, Verena. História dentro da história. In: PINSKY, Carla. **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2019.
- BOZZETO, Ingrid. História de vida: formação e profissão. In: MARTINAZZO, Celso José. História de vida de professores. Ijuí: Unijuí editora, 2000.
- CANO, Márcio (Org.). **História** (Coleção A reflexão e a prática de ensino). São Paulo: Blucher, 2012.
- CAVALCANTE, Lucíola; COSTA, Valéria. A docência em questão. In: Manaus: Revista Amazônida, Ano I, n. 1, 1996.
- CHRISTOV, Luiza. Educação Continuada: função essencial do coordenador pedagógico. In: GUIMARÃES, Ana. **O coordenador pedagógico e a educação continuada**. São Paulo: Loyola, 1998.
- CORDEIRO, Veridiana. Os diferentes enfoques da memória. In: São Paulo: **Revisa Sociologia**, Ano V, Ed. 55, Nov.-Dez. de 2014.
- FREITAS, Alexandre. Os desafios da formação de professores no Século XXI: competências e solidariedade. In: **Formação continuada de professores: questões para reflexão**. FERREIRA, Andrea (Org.), Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- GOODSON, Ivor. **Aprendizagem, currículo e política de via: obras selecionadas de Ivor F. Goodson**. Petrópolis: Vozes: 2020.
- LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MIRA, Maria C.; BERTONCELO, Edison. Apresentação. In: Revista Estudos de Sociologia / Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara. - Vol.1, 1996. Araraquara: UNESP/FCLAR, Laboratório Editorial, 1996.
- MORAIS, Maria. O papel do pedagogo na instituição escolar: desafios e paradigmas na construção do conhecimento. In: SOARES, Aldenéia et al (Org.). **Por uma educação política no Amazonas: práticas, saberes e valores**. Manaus: Uninorte, 2007.
- NÓVOA, ANTONIO. Nota de apresentação. In: OLIVEIRA, Valeska (Org.). **Narrativas e saberes docentes**. Ijuí: Unijuí, 2006.

OLIVEIRA, Maria. **Projetos, Relatórios e Textos na Educação Básica**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ORRÚ, Sílvia Ester. **A inclusão menor e o paradigma da distorção**. Petrópolis: Vozes, 2021.

PAIS, José. **Vida cotidiana: enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PARENTE, Cláudia et al. **A formação e professores e seus desafios frente às mudanças sociais, políticas e tecnológicas**. Porto Alegre: Penso, 2015.

RIBEIRO, Neurilene; SOUZA, Elizeu. As cartas e as histórias de vida: dilemas e aprendizagens da docência em língua portuguesa. In: OLIVEIRA, Inês B. **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis: DP&A, 2010.

RODRIGUES JÚNIOR, José. **Narrativas de vida e saberes de professores da educação física**. Curitiba: Appris editora, 2016.

ROMANOWSKI, Joana. **Formação e profissionalização docente**. 3. Ed. Curitiba: Ibepex, 2007.

SOUZA, Elizeu C. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu C.; ABRAHÃO, Maria. **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 8ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

[1] Cf. CAVALCANTE FILHO, João. Narrativas de professores da educação de jovens e adultos: retrato do CEJA Jacira Caboclo. Manaus: IFAM/CMC, 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino Tecnológico - MPET), Centro Manaus Centro, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, 2018, sob orientação do Prof. Dr. Nilton Paulo Ponciano. Site de acesso ao texto: www.ifam.edu.br/dissertacoes.

[2] Professor na rede estadual de ensino (SEDUC), Mestre em Ensino Tecnológico (MPET) pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM/CMC), no pleno exercício na função de pedagogo do ensino básico na Escola Estadual Farias Brito, Manaus-Amazonas. E-mail: joao_c_filho@hotmail.com.

[3] Os coordenadores pedagógicos são chamados de pedagogos na rede estadual de Manaus-AM pela Secretaria de Educação e Desporto (SEDUC-AM).

PALAVRAS-CHAVE: História Oral, Histórias de vida, Formação de professores manauaras